

MEMÓRIA CAMPINEIRA

A ESCOLA CORRÊA DE MELLO

F. J. Monteiro SALLES

Logo depois da morte de Corrêa de Mello (1877) que foi chocante para a população cuja mágoa foi sincera, falou-se muito sobre o que fazer para representar a admiração e a gratidão da cidade. O homem sério, magro e tímido que tanto e tão bem serviu à comunidade estava a merecer um monumento que lhe perpetuasse a lembrança. Houve debates apaixonadamente discutidos até que se firmasse a idéia do prédio escolar para ensino gratuito.

Formaram-se comissões para o levantamento de fundos em escala popular, procederam-se às quermesses, às festas em clubes, às subscrições e aos leilões de prendas. E isso, com o entusiasmo do povo e das famílias de projeção de Campinas, acrescentou maior vivacidade social durante dois anos seguidos nesta cidade. Nos leilões "as prendas eram disputadas ao som de festivas músicas".

A imprensa publicava em destaque a origem e espécie das prendas arrematadas bem como o prêmio alcançado além do valor dos lances e respectivos autores. Tudo era miudamente noticiado aqui e na Capital. Além das quermesses havia os donativos em moeda corrente, alguns deles de estrangeiros de regresso à Pátria como gratidão à terra que lhes propiciou o cabedal necessário para voltar aos respectivos lares - como foi o de um certo senhor Sampson cujo donativo atingiu a quantia de duzentos mil réis.

Em 1879 deu-se o lançamento da pedra fundamental da obra projetada e depois construída pelo engenheiro Francisco de Paula Ramos de

Azevedo (1851-1928). O ato foi solene e na caixa enterrada nas fundações foram colocadas moedas estrangeiras e nacionais, jornais daqui e da Capital, ata da cerimônia, assinatura dos presentes, a escritura da aquisição do terreno e uma chapa "americana" gravada nestes termos: "Escola Corrêa de Mello constituída por iniciativa popular em homenagem ao cidadão desse nome em 7 de abril de 1879".

Também a "carta aos pósteros" lá ficou sepultada; foi a única que se salvou porque saiu publicada na íntegra nos jornais do dia seguinte. Constitue tal mensagem um documento histórico importante porque a propaganda republicana influenciou significativamente na redação dele.

O local escolhido - o antigo e mal afamado Largo do Jurumbeval - passou a ser denominado Praça Corrêa de Mello. Constava de um baixio brejoso cortado de córregos e circundado por algumas casas residenciais ao longo de uma rua - a Deserta - que ia em direção do Cemitério Municipal situado nas proximidades do atual Viaduto Vicente Miguel Cury.

Já por lá havia residências porém os moradores eram turbulentos. Em 6 de outubro de 1880 a imprensa pedia providências ao Delegado de Polícia porque nas imediações da Escola em construção "as mulheres descompostas e sujeitos de má nota postavam-se lá a proferir nauseabundas obscuridades". Esta frase mostra bem a dificuldade do redator para trasladar num vernáculo publicável o que ali se ouvia...

Terminado o prédio em 1881 foi ele inaugurado com muito entusiasmo no dia 17 de abril desse mesmo ano. Lá, na sala engalanada, estava o retrato a óleo do patrono - feito por Escolat, pintor espanhol que aqui trabalhou na era dos setenta - hoje na pinacoteca do Centro de Ciências, Letras e Artes. A inauguração foi um acontecimento marcante de entusiasmo popular e de grandes manifestações cívicas. O retrato e os documentos relativos ao ato foram solenemente recebidos pela comissão diretora cujo primeiro presidente, o Coronel Joaquim Quirino dos Santos, assumiria mais tarde os encargos da manutenção e do funcionamento da Escola até que em 1888, doente e empobrecido, deveu abrir mão da sua generosidade.

O dr. Cândido Barata Ribeiro, figura de prôa desde o início como orador infalível e inspirado, inflamava o povo pelos seus discursos entusiásticos

desde os primórdios da campanha e durante a construção da Escola tanto nas passeatas quanto nas festividades dos clubes locais. Na data da inauguração lá estava ele falando oficialmente na entrega do prédio e, em seguida, nas redações do "Diário" da "Gazeta de Campinas" por onde passou o povo e, gloriosa coluna sob os estouros dos rojões enquadrada pelas bandas de música Luís de Camões (colônia portuguesa) que abria a marcha e dos Irmãos Tullio (colônia italiana) que fechava a passeata. Filha e esposa desse fogoso orador cooperaram recitando versos.

Esta Escola sobreviveu 81 anos e representou a precursora do Mobral no Brasil conforme a expressão feliz de Júlio Mariano. Passou para a responsabilidade de Câmara Municipal quando foi desfeita a Sociedade (1888). Teve professores de notória eficiência dos quais Luís Cerqueira Monteiro, um dos diretores, nela lecionou sem faltar um só dia durante 36 anos consecutivos.

A Escola sediou o Gabinete de Leitura (1892) cujas estantes com dois mil livros ficavam na sala central do edifício. Nesses volumes figuravam os espessos tomos doados ao município por Campos Sales quando Ministro da Justiça do Governo Provisório.

O Poder Municipal foi autorizado a ceder o prédio ao governo do Estado em 1897, com a condição de lá manter o Grupo Escolar bem como a sua denominação e de mudar a biblioteca para local que oferecesse as condições necessárias. Porém ali continuaram os livros até que em 1908 o prefeito Orozimbo Maia cedeu o resto existente da Biblioteca Municipal para o Centro de Ciências, Letras e Artes. Seis anos mais tarde, no entanto, o Centro devolveu tudo à Prefeitura que, à mingua de lugar mais adequado, transferiu para a Cadeia Pública o trambolho livresco de impossível guarida.

Nas grandes epidemias que assolaram Campinas (febre amarela e gripe espanhola) o prédio foi utilizado como hospital de emergência. Depois de cada crise, convenientemente desinfetado e repintado, voltava à rotina das aulas abrigando as levas dos alfabetizando de pés descalços.

Assim funcionou o Grupo Escolar Corrêa de Mello em prédio construído mediante subscrição pública e doado à

Municipalidade que, por sua vez, cedeu-o ao Governo do Estado até com em 1962 foi demolido.

Houve movimento entre os historiadores e jornalistas daqui alertando os poderes competentes para a inoportunidade da destruição de um prédio que representou o monumento popular a um cidadão prestativo como Corrêa de Mello. Bráulio Mendes Nogueira e Júlio Mariano combateram tenazmente a demolição do Grupo Escolar e Celso Maria de Mello Pupo propôs o edifício para sede do Museu de Campinas, manifestando-se energicamente contrário à derribada dele. Tudo inútil. E a pedra fundamental com os documentos que lá estavam jamais foi encontrada.

É difícil reconhecer, menos ainda aceitar, a inexorabilidade transformadora do progresso quando ele, o progresso, é entendido sem a discriminação adequada à tradição. Eis que toda a área da Escola e do Largo que a alojava foi adaptada para terminal de ônibus.

(Salles, Francisco José Monteiro - **Joaquim Corrêa de Mello**, sua vida e sua obra, pp. 34-38. Campinas, 1978. (Publicação nº 38 da Academia Campinense de Letras).